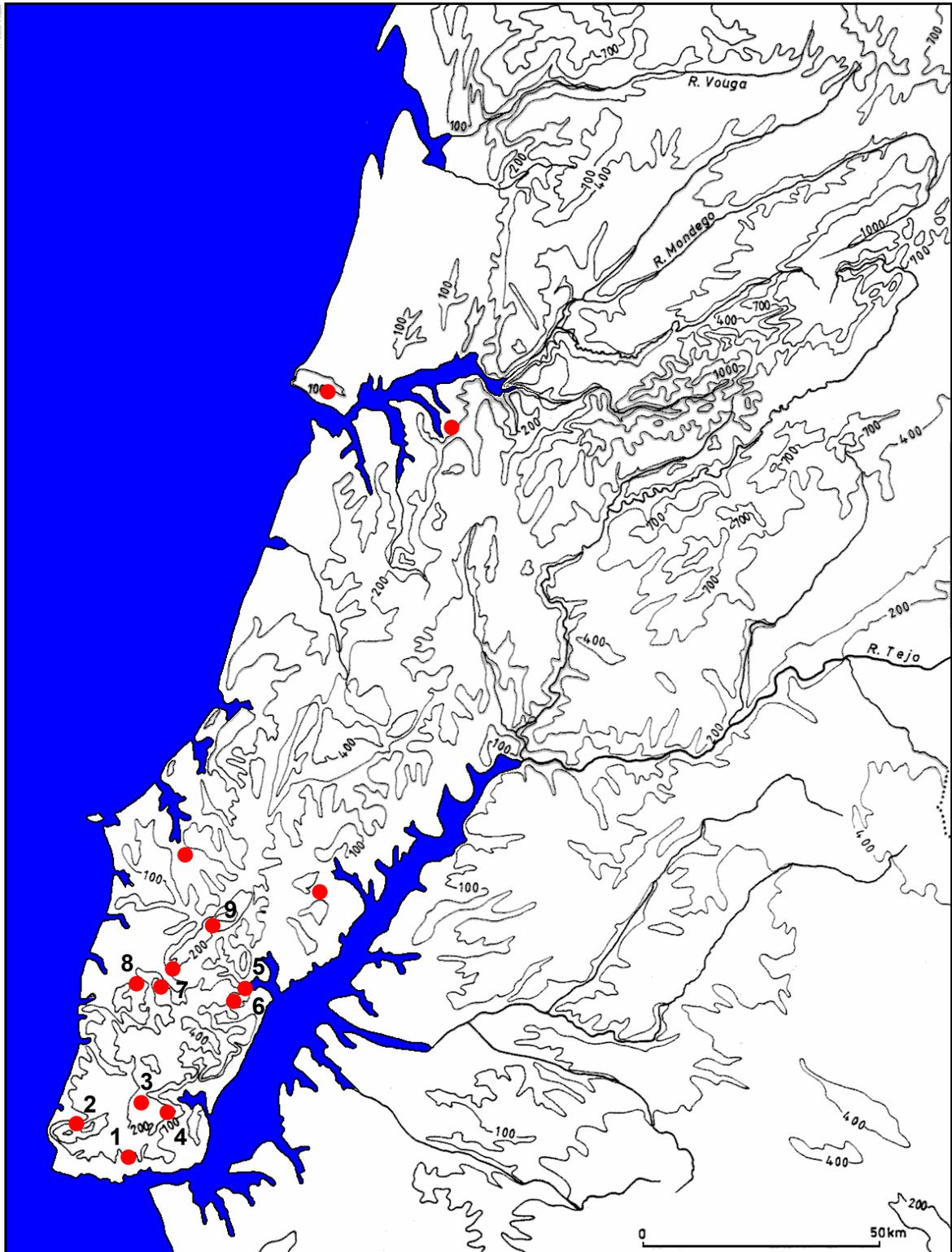


O Calcolítico da Estremadura e o Castro do Zambujal



(Os habitats murados do Calcolítico Pleno/Final. **Mapa:** João Carlos de Senna-Martinez)

O Calcolítico Estremenho, onde se integra o "território" de Torres Vedras, caracteriza-se pela existência de povoados fortificados, novas estruturas funerárias (grutas artificiais e *tholoi*), grutas naturais utilizadas para inumações associadas aos novos objectos simbólicos, novos "modelos" cerâmicos, metalurgia e artefactos de cobre, materiais exóticos, bem como objectos simbólicos de calcário e osso. Permanências culturais que introduziram a problemática sobre o Calcolítico regional ou ibérico.

Deste modo, procurava-se saber qual o papel desempenhado pelas comunidades indígenas no processo, a influência mediterrânica na introdução da metalurgia do cobre e dos novos modelos arquitectónicos (domésticos e funerários), assim como a emergência de sociedades complexas e hierarquizadas.

A adopção por parte das populações indígenas neolíticas do *modus vivendi* calcolítico parece ser testemunhado pela utilização de *tholoi* (Pai Mogo – Lourinhã, com ocupação desde o Neolítico Final), povoados fortificados, casas de planta circular e novos bens de prestígio. Deste modo, terá ocorrido um processo de aculturação entre as populações indígenas e "colonizadores", que levou à criação de uma "rede" de povoamento mais ou menos complexa na Estremadura, estabelecida por feitorias.

Considera-se que a introdução das novas estruturas arquitectónicas, técnicas e materiais, se deve a estímulos externos, com uma relação com o Mediterrâneo oriental. Situação normal se tivermos em conta a existência de contactos comprovados com o mundo mediterrânico desde o Neolítico Antigo (cerca de 5 000 anos a.C.).

A introdução da metalurgia (ouro, cobre e prata) é das inovações tradicionalmente atribuídas aos colonizadores. Todavia, o aparecimento de vestígios de práticas locais de fundição do cobre (no Castro do Zambujal e no Penedo) poderia permitir um foco local de invenção metalúrgica. Tal situação não exclui, porém, o seu uso como uma "importação" mediterrânica.

Directamente relacionado com o tema da "colonização" está uma "arqueologia da guerra". O castro do Zambujal é o melhor exemplo da emergência de sistemas defensivos, cuja existência se justifica pela presença de

conflitos bélicos. As escavações no povoado documentam, igualmente, uma preocupação constante com a manutenção, o reforço e a “actualização” militar das muralhas, durante todo o III.º milénio.

A necessidade de defesa nunca deixou de ser sentida, sendo os materiais exumados o melhor testemunho da existência duma instabilidade militar na região durante todo o Calcolítico. O grau de intensidade e extensão desta “guerra”, assim como o adversário, parecem-nos ser questões de difícil resposta, com os dados que actualmente dispomos.

Certo é que a construção de povoados fortificados faz parte duma estratégia de reforço do poder “físico” (e simbólico) por parte das linhagens, veiculando a sua ideia de protecção das populações locais contra os inimigos, assim como a ideia de reserva dos excedentes que permitiriam a sobrevivência de todos, em caso de catástrofe. Deste modo, o povoado fortificado centraliza os meios de produção, armazena os excedentes e serve de habitação de prestígio às linhagens que controlam a terra e os que a trabalham. E é ainda o símbolo do poder social adquirido pelas linhagens familiares que passam a controlar os excedentes acumulados.

É esta a grande mudança na paisagem calcolítica e que faz do castro do Zambujal um “lugar central” do povoamento da região.

Conheça o modo de vida das suas populações no próximo fascículo!

SAIBA MAIS

LUCAS, Maria Miguel, *As regiões de “Torres” e “Alenquer” no contexto do Calcolítico da Estremadura portuguesa*, dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, policopiado, 1994.